

EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES/AS COM ESTUDANTES SURDOS/AS: ENSINO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19¹

Girleny Almeida de Souza²
Ana Kelly Nunes Bezerra³
Elaine Reis Laureano⁴

RESUMO

No presente trabalho, apresentam-se os resultados de uma pesquisa sobre as experiências dos/as professores/as envolvidos/as em processos educacionais de pessoas surdas no Ensino Superior, no período da pandemia de COVID-19, no Campus IV da UFPB. Tem-se como objetivo geral compreender as experiências de professores/as de estudantes surdos/as do Ensino Superior durante a pandemia de COVID-19 no Campus IV da UFPB. Utiliza-se como referencial teórico os Estudos Surdos nas interfaces com os Estudos Culturais, além do conceito de experiência, com Bondía (2002) e de tecnologias digitais com Goettert (2019). Trata-se de uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa. Os resultados evidenciaram que os professores/as consideraram a experiência do ensino remoto com estudantes surdos/as boa e desafiadora, e quanto aos processos educacionais para além do ensino remoto para com esses estudantes, os/as professores/as não conseguiram elencar nenhum. Diante disso, chegou-se à compreensão que ainda é preciso realizar trabalhos voltados para a conscientização sobre a inclusão e a acessibilidade de estudantes surdos/as para além da sala de aula, o que envolve os três pilares da estrutura acadêmica da Universidade Federal da Paraíba: ensino, pesquisa e extensão.

Palavras-chave: Professores/as. Estudantes surdos/as. Ensino Superior. Ensino Remoto. Experiências.

INTRODUÇÃO

Com o advento pandêmico da COVID-19, muitas mudanças ocorreram na sociedade e na área da educação não foi diferente, sendo necessária a implantação do ensino remoto em todos os níveis de ensino formal, dado que a pandemia se prolongou mais do que se esperava e, apesar do ensino remoto não ser considerado o mais adequado, pode contribuir permitindo que o processo educativo tivesse continuidade sem mais interrupções. Em face das circunstâncias expostas, surgiram algumas inquietações e a necessidade de refletir sobre as experiências educativas consequente desse processo, com foco na educação das Pessoas Surdas.

¹ O trabalho foi resultado de um Projeto de Pesquisa.

² Graduada do Curso de Licenciatura em Letra Língua Portuguesa e Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, girlenyalmeida@gmail.com;

³ Graduada do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, anakellyn051@gmail.com.

⁴ Doutora em Letras e em Educação pela Universidade Federal da Paraíba -UFPB, erl@academico.ufpb.br.

O ato de pesquisar sobre o Ensino Superior em tempos de pandemia de COVID-19 e as experiências de professores/as com estudantes surdos/as no Campus IV da UFPB é de extrema importância para que se possa conhecer mais sobre as especificidades que estão envolvidas, vislumbrando a provocação de discussões e reflexões. O objetivo central da nossa pesquisa é compreender as experiências dos/as professores/as envolvidos/as em processos educacionais de pessoas surdas no Ensino Superior, durante o período de pandemia de COVID-19. Para atingirmos o objetivo central, traçou-se os seguintes objetivos específicos: examinar as experiências de professores/as de estudantes surdos/as do Ensino Superior durante a pandemia de COVID-19 no Campus IV da UFPB; especificar como os/as professores/as percebem os processos educacionais que envolveram estudantes surdos/as no Ensino Superior, no período de pandemia de COVID-19; por fim, identificar os processos educacionais que, para além do ensino remoto, influenciaram às práticas pedagógicas de professores/as junto a estudantes surdos/as no período da pandemia de COVID-19.

Como aporte teórico, nos debruçamos sobre os Estudos Surdos nas interfaces com os Estudos Culturais, além de dialogamos sobre o saber da experiência, com Bondía (2002) e Goettert (2019), para tratar sobre a importância das tecnologias digitais para a educação. No tocante aos aspectos metodológicos, trata-se de uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa.

Este trabalho está estruturado da seguinte maneira: além desta introdução, apresentamos os procedimentos metodológicos da pesquisa, seguido referencial teórico em que trouxemos algumas considerações sobre os Estudos Culturais e os Estudos Surdos, assim como também o conceito de experiência e a importância das tecnologias no ensino remoto durante a pandemiano contexto de ensino da Pessoa Surda. Por conseguinte, apresentamos as análises e discussões e por fim os resultados alcançados e as reflexões do que foi discutido ao longo do trabalho.

METODOLOGIA

O trabalho faz uma abordagem qualitativa dos dados, conforme Prodanov e Freitas (2013, p.70), a pesquisa qualitativa “[...] considera que há uma relação entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável ente o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.” Caracteriza-se como uma pesquisa de campo, de acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 59), que costuma ser “utilizada com o objetivo de conseguir

informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos respostas, ou de uma hipótese, que queríamos comprovar, ou ainda descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”.

Assim, a pesquisa foi dividida em cinco passos, sendo o primeiro o levantamento dos/as alunos/as surdos/as. O segundo passo foi à identificação dos/as professores/as que ministraram disciplinas junto a esses estudantes no período de aulas remotas. O terceiro passo preocupou-se com a elaboração do questionário e envio do mesmo para os professores/as. No quarto passo definiram-se os sujeitos da pesquisa contabilizando quantos professores/as foram contactados via e-mail, e quantos se dispuseram participar da pesquisa. O quinto passo foi destinado à análise dos dados. A partir dessas elucidações, obtiveram-se os seguintes dados: três alunos/as surdos/as estiveram matriculados no Campus IV da UFPB no período de COVID-19 e em média 26 professores/as ministraram disciplinas para esses alunos durante o período de aulas rêmoras. Desse quantitativo, conseguimos contactar 19 professores/as via email, dos quais apenas quatro retornaram e aceitaram a participar da pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os Estudos Culturais (EC) surgem em meados do século XX, na Inglaterra, provocando o rompimento de paradgmas de uma visão historicamente hierarquica. De acordo com Silva (2000, p. 32), a cultura é “teorizada como campo de luta entre os diferentes grupos sociais em torno da significação”. Esse discurso implica em muitas reflexões e no surgimento de vários grupos sociais, que tem como base a educação, as formas de pensar se ampliam e grupos que historicamente foram excluídos passam a ser valorizados. Com isso, trabalhos nas areas dos Estudos Culturais da educação surgem e se popularizam entre os pesquisadores, e tem se tornado de grande relevância para diversos estudos, nos permitindo olhar o outro e suasformas de expressões que rompem e cruzam fronteiras diariamente em todas as áreas de conhecimento.

Nesse sentido, podemos citar como exemplo o diálogo dos Estudos Culturais com os Estudos Surdos. Conforme Skliar (2005), os Estudos Surdos se constituem

como um programa de pesquisa em educação, pelo qual as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político. (SKLIAR, 2005, p.5)

Assim, reconhecer as complexidades das relações que envolvem as identidades, que por muito tempo as ideais relacionadas às Pessoas Surdas apresentaram tons de preconceito e

exclusão, resultando em ações e delineamentos inadequados para o seu desenvolvimento. Desse modo, re(pensar) sobre a reconstrução das identidades de Pessoas Surdas é enxergar o outro, combatendo os preconceitos, é pensar na construção de práticas pedagógicas que contemplem as diferenças, sejam culturais, identitárias, linguísticas e sociais. Conforme Dorziat, Morais, Carvalho e Romário (2020, p. 12), “os Estudos Culturais contribuem com os Estudos Surdos para pensarem as identidades surdas, na fluidez, transitoriedade e contradição. Não há uma única forma de ser pessoa surda”. Essas reflexões nos fazem compreender sobre a singularidade de cada sujeito, pois somos construídos a partir das experiências que nos atravessam.

Como sujeitos de experiências, estamos expostos a diversas situações, portanto, somos sujeitos de experiência, e tudo que nos acontece nos afeta de maneira particular. Segundo Bondía (2002) “o conhecimento é comum, mas a experiência é para cada qual, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida”. Refletir a partir dessa perspectiva é necessário diante do que nos propomos a realizar nesse trabalho, que trata justamente de compreender as experiências dos/as professores/as envolvidoa/as nos processos educacionais de estudantes surdos no Ensino Superior, durante o período da pandemia de COVID-19, no Campus IV da UFPB.

No que se referiu ao contexto educacional, as aulas foram paralizadas e substituída pela modalidade remota, assim como prevista na portaria de nº 343, que “dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus – COVID-19. Segundo Vercelli (2020, p. 50), as aulas remotas “ocorrem de forma sincrônica com a presença do professor em tempo real, sendo que as dúvidas podem ser sanadas no momento em que surgem, por vídeo ou por chat”. De acordo com Goettert (2019):

As novas tecnologias propiciaram um novo tipo de exercício da escrita, facilitando a aprendizagem com base no ato de comunicar e na necessidade de clareza na comunicação a distância, ao olhar para o passado, é possível perceber que se vive em um momento marcante na cultura surda, merecedor de pesquisas que permitam o acompanhamento dessas mudanças. (p. 134)

No que se refere mais especificamente ao Ensino Superior e o ensino remoto com surdos/as, podemos definir esse momento como desafiador, visto que a exclusão de muitos desses alunos/as ficou ainda mais visível. Como afirmam Shimazaki, Menegassi e Fellini (2020, p. 18), “esse modelo de ensino exclui aqueles que não conseguem adequar às necessidades básicas que a tecnologia exige. Com isso, é necessário ter especificações das metodologias e das políticas públicas que de implantem na educação”. O Ensino Superior por

se só já é uma experiência provocadora, e quando se trata da inclusão de estudantes surdos/as nesse ambiente, uma das primeiras questões a ser colocada é a comunicação e somado a um período característico como o da pandemia da COVID-19, tudo ficou ainda mais intenso.

Nesse sentido, é importante refletirmos e dialogarmos sobre as políticas públicas na perspectiva da educação inclusiva, pensar em políticas públicas nas universidades que efetivem a educação de estudantes com deficiência em nível superior é de grande uma grande importância que exige um trabalho coletivo de todos os envolvidos. No que se refere a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008, p. 17) “na educação superior, a transversalidade da educação especial se efetiva por meio de ações que promovam o acesso, a permanência e a participação dos alunos.” No que diz respeito as ações, podemos citar as seguintes, dispor de planejamento, estratégias, organização de recursos que promovam a acessibilidade, sejam elas arquitetônicas, de comunicação, de materiais, dentre outras, que estejam envolvidas em todas as atividades da universidade sejam elas no campo do ensino, pesquisa e extensão. Segundo Alves (2012, p. 56), “no contexto educacional atual, há uma luta pelo processo de inclusão de surdos, não como sujeitos passivos, mas como sujeitos ativos no processo de educação formal de seus pares”.

Desse modo, podemos perceber, as pessoas surdas tem ocupado os seus espaços na sociedade ao longo dos anos, nos mais variados espaços, e sem sombra de dúvidas as pesquisas no que se refere aos Estudos Culturais e os Estudos Surdos tem contribuído fortemente para a conscientização e reconhecimento político da identidade da cultura surdas, assim como também, as tecnologias tem seu papel nesse processo, potencializando a comunicação e o aprendizado das pessoas surdas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse momento da pesquisa nos permitiu olhar e compreender melhor as experiências dos profissionais que se dispuseram a narrar como foram suas experiências enquanto professores/as de estudantes surdos/as no âmbito acadêmico durante um período tão delicado que foi a pandemia. Cabe ressaltar que as narrativas obtidas foram tratadas eticamente a fim de preservar a identidade dos participantes, para tanto, utilizamos as siglas PA, PB, PC e PD, aos nos referirmos aos/as professores/as.

Na primeira pergunta, foi questionado aos/as docentes: Quanto tempo de docência no Ensino Superior você tem?

Professor	Tempo de docência no Ensino Superior	Experiência com estudantes surdos antes do ensino remoto
PA	17 anos	Não
PB	7 anos	Não
PC	20 anos	Sim
PD	16 anos	Não

Essas informações iniciais dispostas no quadro a cima nos mostram o tempo de experiência de cada entrevistado/a no Ensino Superior, além do dado que contempla parte da terceira pergunta que veremos detalhadamente mais adiante. Essas informações nos permite de certa forma aproximar-nos e assim compreender melhor o discurso de cada um ao longo desse diálogo. Quanto ao segundo questionamento: Como ocorreram os processos educacionais em sua instituição no período do ensino remoto?

PA: Através de aulas pelas plataformas digitais, no meu caso, por aulas síncronas utilizando o Google Meet.
PB: Predominantemente por meio de encontros virtuais (Google Meet). Com orientações via WhatsApp e plataforma oficial da UFPB (Sigaa).
PC: Adotamos o ensino remoto e seguimos um calendário suplementar. Foram muitos desafios, mas conseguimos nos capacitar e nos adaptar, trazendo muitos resultados para as nossas áreas. Percebemos que ensinar e aprender são atos camaleônicos, democráticos e urgentemente humanizadores.
PD: As atividades pedagógicas, divididas em síncronas e assíncronas, foram todas realizadas via plataformas de ensino remoto, especialmente o Google Meet. Além delas, a comunicação também foi reforçada através de canais como e-mail e WhatsApp.

As considerações dos/as entrevistados/as evidenciam que ambos tomaram caminhos em relação ao uso das tecnologias, visto que a instituição de ensino além de seguir um novo calendário, precisou adotar o ensino remoto, e assim as aulas passaram a acontecer de forma síncrona e assíncrona, para tanto utilizaram das plataformas digitais como o *Google Meet*, o *Sigaa*, além de outros canais como *WhatsApp*. Dessa forma, podemos entender que as tecnologias foram essenciais e se constituíram como a principal ferramenta para a educação no período da pandemia, de modo que permitiu que o ensino continuasse. As narrativas nos permitem compreender também que a que o ensino e a aprendizagem não são estáticos, mas que estão sempre em transformação. Além disso, a educação mostrou ainda mais o seu poder de adaptação e produção de fonte inesgotável de conhecimento e por isso é uma prática social indispensável para o desenvolvimento humano.

No que se refere a terceira pergunta: Você já tinha experiência com estudantes surdos/as antes do ensino remoto? Se sim, compare o ensino presencial com o remoto. Houve diferenças (didática e metodologia; relacionamento e interação; qualidade educacional)?

<p>PA: Não. Foi boa, porque o aluno tinha intérprete na aula o tempo todo e ela fazia leitura labial.</p>
<p>PB: A minha experiência com discente surdo se deu já com o ensino remoto, durante o período da pandemia, ou seja, antes ainda não tinha vivenciado essa experiência. Minha experiência com discente surdo de seu no curso de pedagogia, e tem sido um desafio. Requer um cuidado para de fato possibilitar a inclusão desse sujeito. Nesse sentido, durante o período remoto, temos tido auxílio, durante os encontros/aulas remotas, de profissionais especializados em Libras do Comitê de Inclusão e Acessibilidade/CIA/UFPB. Nessa interação com esses profissionais, disponibilizamos de forma prévia os materiais/recursos didáticos/pedagógicos que serão utilizados nas aulas, para que esses profissionais consigam minimamente se inteirar do que está ocorrendo ou do que ocorrerá nas aulas, e possam realizar as traduções necessária de forma mais significativa. Também a experiência de termos no curso de Pedagogia discentes apoiadores tem também maximizado esse processo de inclusão de forma mais efetiva.</p>
<p>PC: Já tinha experiência, mas sempre é um desafio. Educamos e aprendemos com pessoas, o que por si só já é muito desafiador, uma vez que devemos ativar ao máximo a nossa sensibilidade de nos colocarmos em lugar do outro e fazer com que a troca e a partilha tomem forma. Para mim, é sempre um desafio muito rico porque aprendo demais. As pessoas surdas escutam o mundo de outra forma, esta outra forma é a categoria que devemos perseguir e entender para, mesmo que minimamente, possamos fazer a educação acontecer.</p>
<p>PD: Enquanto docente, minha primeira experiência se deu no ensino remoto, de modo que não tenho parâmetros para comparar. No entanto, adaptações se mostraram importantes para que a interlocução funcionasse com maior qualidade entre todos os sujeitos envolvidos no processo: a docente, a estudante surda, os intérpretes e os alunos apoiadores. Entre as adaptações, posso citar a estratégia de deixar apenas a câmera da docente e da intérprete ligadas, o uso mais frequente do chat e a extensão do diálogo em outros momentos que não apenas o da sala de aula, com reforço de canais como e-mail, WhatsApp e outros.</p>

Das narrativas da terceira pergunta, é possível observar que apenas um dos quatro professores/as entrevistados/as havia tido alguma experiência com alunos/as surdos/as antes do ensino remoto. Essa é uma informação muito importante visto que apesar de tantos anos de docência não havia experienciado tal encontro. Nos chamou atenção também, mais especificamente na narrativa de PA sobre a importância do/a profissional tradutor/a intérprete de Libras nas salas de aulas que tem estudantes surdos/as. A presença desses/as profissionais é de extrema importância para que o/a aluno/a surdo/a possa ter acesso de maneira inclusiva e acessível os conteúdos apresentados por professores/as ouvintes que não tenham fluência na língua de sinais, por essa razão se faz tão necessário o trabalho colaborativo entre todos os profissionais envolvidos/as no processo de ensino. Conforme Quadros (2004, p. 27), o/a

profissional intérprete é aquele/a “que domina a língua de sinais e a língua falada do país e que é qualificado para desempenhar a função de intérprete”.

Ainda sobre a narrativa do PA, consideramos interessante destacar também o momento que se refere à leitura labial. Nesse sentido é importante dizer que a leitura labial é um meio alternativo de comunicação e que não deve ser usado como a única forma nos processos de interação com as pessoas surdas, vale ressaltar também que nem todas as pessoas surdas utilizam a leitura labial para se comunicar. De acordo com Gesser (2009)

[...] a leitura labial e o desenvolvimento da fala vocalizada são habilidades que precisam de treinos árduos e intensos para ser desenvolvidas. Todos os estudos referentes à leitura labial estão vinculados aos treinamentos fonoarticulatórios e é nesse sentido que poderíamos afirmar que não se trata de uma habilidade natural da linguagem, como é a habilidade para o desenvolvimento da língua de sinais, por exemplo. (GESSER, 2009, p. 60-61).

Compreender tudo isso nos permite pensar na individualidade de cada pessoa surda e entender mais sobre as diferenças, a subjetividade, a singularidade de cada indivíduo. No decorrer das demais narrativas podemos destacar também o quanto foi desafiador o processo de inclusão de alunos/as surdas no contexto de aulas remotas durante a pandemia; a importância dos discentes apoiadores, que por sua vez maximiza ainda mais o processo de inclusão; as estratégias utilizadas no ensino remoto: disponibilizar os conteúdos com antecedência para os/as tradutores/as intérpretes de Libras, deixar apenas as câmeras do/a intérprete e do/a docente ligada, além do uso do chat, e-mail, WhatsApp e outros para que houvesse uma extensão maior de diálogo.

Seguimos para a quarta pergunta: Como era a sua relação com as tecnologias antes do ensino remoto? Houve mudanças?

PA: Uso tecnologias cotidianamente. Tirando as aulas presenciais terem se tornado remotas via Google Meet, não tive nenhuma mudança.

PB: Tenho certa facilidade em utilizar de instrumentos tecnológicos como meios de potencializar o ensino. Mesmo durante o período (normal). No entanto, o ensino remoto nos trouxe muitos desafios não vividos por nós. Dentre esses desafios, o uso do ambiente virtual como principal veículo para realizações de aulas, orientações. Apesar do potencial desses recursos, em termos de possibilitar, por exemplo, a realização de eventos (até mesmo das próprias disciplinas), com a participação de profissionais de outros centros e até universidades. eu particularmente realizei tais momentos nas minhas disciplinas (seminários, mesa redondas...) todavia, eu percebo que há uma saturação desse modelo. Principalmente, em decorrência da limitação de recursos tecnológicos pelos(as) próprios (as) discentes. Que na maioria das vezes não dispõe de internet nem ambiente adequados, nem muito menos



aparelhos eletrônicos (computadores ou notebook, por exemplos) para uma vivência nos encontros e nas atividades propostas de forma orgânica.

PC: Minha relação com as tecnologias antes da pandemia eram meramente funcionais. Hoje, o ensino remoto é uma estratégia que agreguei às minhas práticas docentes. O gênero aula remota vem me surpreendendo sempre. Consigo conversar com o mundo em frações de segundos e trazer o mundo para às minhas aulas de forma mais rápida e produtiva. As provações epistemológicas tomam forma muito rápido e o corpo discente acompanha em tempo real, trazendo muitas informações e executando debates de alta qualidade.

PD: Houve. Tive que estar mais atenta às diversas funcionalidades das plataformas de acesso remoto e ao uso de recursos didáticos que não me eram habituais. Tudo isso demandou pesquisa, trocas de experiência e conhecimento frequentes com os colegas, bem como a realização de cursos ofertados pela instituição.

Das narrativas da quarta pergunta, é possível refletir que a maioria dos/as professores/as apresentaram que houve mudanças em relação ao uso das tecnologias, e que apesar de antes já utilizarem-nas, no período remoto tiveram outros desafios, como por exemplo, o ambiente virtual como o principal veículo de realização das aulas, a limitação de recursos por parte dos/as estudantes e além disso, exigiu mais atenção no que diz respeito ao acesso e ao uso dos recursos didáticos. Como pontos positivos foram elencados, a possibilidade de realizar e participar de eventos, encontros, debates e cursos com profissionais de outros lugares, partilhando, contribuindo e descobrindo outras formas de ensino e aprendizagem. Quanto aos pontos negativos, foi citado como um dos desafios o fato de muitos discentes não terem acesso aos recursos tecnológicos, como computadores, notebooks, internet ou até mesmo um ambiente favorável para estudar. No caso dos/as alunos/as surdos mais especificamente demandou de muita estratégia para que o ensino chegasse de forma clara e entendível.

Nesse sentido é interessante citar que no material intitulado “Cartilha de Orientação para Docentes: como receber os estudantes surdos no período remoto” contém orientações sobre a Libras, a importância do profissional tradutor intérprete de Libras em sala de aula, sobre as disposições das aulas remotas, além de trazer contribuições sobre adaptações de avaliações e demais atividades, diz ainda que:

O professor deve exercer com o estudante surdo o mesmo papel que desempenha com os estudantes ouvintes, levando em consideração as necessidades educacionais especiais que ele apresenta. É recomendado que o professor, ao dirigir sua palavra ao surdo, faça isso olhando para ele, e não para o tradutor, e sempre o chame pelo nome (UFPB, 2021, p. 7).

Além disso, é importante refletir também sobre a linguagem visual para as pessoas surdas, o uso de imagens, vídeos legendados, a flexibilização no que se refere à correção de avaliações que precisam ser em língua portuguesa, priorizando a semântica em detrimento da gramática.

A quinta pergunta foi a seguinte: Você participou de alguma outra experiência educacional com estudantes surdos/as para além do ensino remoto em sua universidade no período de pandemia? Se houve, fale um pouco sobre ela.

PA: Não.
PB: Não, a minha vivência com discentes surdos se deu unicamente no ensino remoto e durante a pandemia.
PC: Não participei de um evento destinado especificamente para a comunidade surda, mas trouxe para as minhas aulas, quando possível, especialistas da área, os quais contaram a sua história como educadores e também mostraram como a pesquisa e a extensão podem ser parceiras no processo de formação.
PD: Não, a não ser algumas discussões, nos cursos de capacitação realizados, sobre especificidades de aprendizagem.

Das narrativas da quinta pergunta a respeito das experiências com estudantes surdos/as para além da sala de aula, podemos identificar que nenhum/a professor/as teve essa experiência, isso pode ser um indicativo de que há alguma falha no processo de inclusão, fazendo-se necessário ser revisto de imediato para que a formação desses estudantes contemple os três pilares formativos. No entanto não podemos deixar de destacar que o PC traz em sua narrativa um ponto importante que precisa ser cada vez mais frequentes que é trazer para suas aulas especialistas da área das língua de sinais, da educação de surdos/as que possam mostrar novas formas de enxergar a individualidade das Pessoas Surdas. Outro ponto interessante a ser ressaltado, dessa vez na narrativa de PD o/a qual relata que participou de algumas discussões e capacitações relacionado as especificidades de aprendizagem dos/as aluno/as surdos/as.

Diante disso, compreendemos que é indispensável que todos os profissionais que trabalham com Pessoas Surdas participem das capacitações, para que assim possam ter uma compreensão maior sobre as especificidades culturais e linguísticas dessas pessoas. As narrativas dos participantes da pesquisa confirma que a comunidade surda do Campus IV precisa ser fortalecida para que os nossos alunos/as surdos/as e outros vindouros possam alcançar um Ensino Superior mais inclusivo, acessível, anticapacitista e que estejam juntos/as aos/as professores/as para além da sala de aula e assim sua formação contemple os três pilares da universidade que são respectivamente: o ensino, a pesquisa e a extensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências educacionais de professores/as decorrentes do ensino remoto com estudantes surdos/as evidenciaram que a maioria dos/as professores/as entrevistados/as tiveram experiências com estudantes surdos/as apenas no período remoto, isso nos permite compreender que está acontecendo um movimento de reconstrução histórica educacional das Pessoas Surdas, de forma que esses sujeitos estão ocupando os seus espaços dentro das instituições de Ensino Superior, para que permaneçam, é preciso que as políticas de inclusão e acessibilidade se efetivem em toda a sociedade. Notou-se ainda que os desafios enfrentados pelos/as professores/as não dizem respeito apenas ao contexto da pandemia, mas que são em sua maioria os desafios que já se enfrentava antes, como o acesso as tecnologias por parte dos estudantes. É preciso reconhecer que as tecnologias assumiram o papel de destaque durante esse período de aulas remotas, e que muito se aprendeu.

No que se refere aos processos educacionais para além do ensino remoto que influenciaram as práticas pedagógicas de professores/as junto aos/as estudantes surdos/as no período da pandemia, vimos que não foram elencadas nenhuma. Isso nos chamou atenção a ponto de nos permitir a refletir que apesar das políticas de assistência estudantil serem significativas dentro da instituição, ainda assim necessitam de um engajamento maior por parte dos professores/as, visto que poucos deles não participam ou participaram de capacitações e demais atividades que estão relacionadas à inclusão e acessibilidade para as Pessoas Surdas.

Portanto, é importante que pesquisas como essa sejam cada vez mais desenvolvidas para que a comunidade surda se fortaleça ainda mais nas universidades, estejam eles localizados nas capitais ou cidades do interior. Assim, reafirmamos que a comunidade surda do Campus IV precisa ser fortalecida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, FC. **Memorial social de professores surdos universitários**. 2012. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Sul da Bahia, Vitória da Conquista, 2012.

BRASIL, **Diário Oficial da União**. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>>. Acesso em: 11 março. 2022.

BRASIL, **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>> Acesso em 25 de nov. 2022.

BONDÍA, J. L. Notas sobre experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, nº 10, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

COSTA, M. V; SILVEIRA, R. H; SOMMER, L. H, Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, nº 23, p. 36-61, maio/jun./jul./ago. 2003.

DORZIAT, A; MORAIS, M. M. de; CARVALHO, L. S. M. de; ROMÁRIO, L. **Estudos Culturais e Estudos Surdos: aproximações conceituais**. 2020. Disponível em:<<https://docero.com.br/doc/n8vvcev>> Acesso: 01 março de 2022.

GESSER, Audrei. **Libras? que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábolas, 2009.

GOETTERT, Nelson. As tecnologias como ferramentas auxiliares na comunicação em língua portuguesa para usuários de língua brasileira de sinais. In: CORREIA, YGOR; CRUZ, CARINA. **Língua brasileira de sinais e tecnologias digitais**. Porto Alegre: Penso, 2019.

HALL, Stuart, (1996). Cultural studies and its theoretical legacies. In: MORLEY, David, KUAN-HSING, C., (eds). **Stuart Hall – critical dialogues in cultural studies**. London; New York: Routledge.

HIMAZAKI, E. M.; MENEGASSI, R. J.; FELLINI, D. G. N. Ensino remoto para alunos surdos em tempos de pandemia. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 15, p. 1–17, 2020.

PRODANOV, Cleber C; FREITAS, Ernani C. de O. **Metodologia do trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo-RS: Freevale, 2013.

QUADROS, Ronice Muller de. **O tradutor e intérprete de língua Brasileira de Sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

SILVA, T. T. da. **Teoria cultural e Educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SKIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 3. ed. Porto alegre: Mediação. 2005.
STROBEL, K. **As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda**. – Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

UFPB, **Cartilha de orientações para docentes: como receber os estudantes surdos no período remoto**. Comitê de Inclusão e Acessibilidade. João Pessoa: UFPB, 2021. Disponível em:

<[file:///C:/Users/Girleny%20Almeida/Downloads/Cartilha%20Ensino%20a%20Alunos%20com%20Surdez%20\(2\)%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Girleny%20Almeida/Downloads/Cartilha%20Ensino%20a%20Alunos%20com%20Surdez%20(2)%20(2).pdf)> Acesso em: 23 nov. 2022.

VERCELLI, L. C.A. Aulas remotas em tempos de Covid-19: a percepção de discentes de um programa de mestrado profissional em educação. **Revista @mbienteeducação**. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 13, n. 2, p. 47-60 Maio/Agosto 2020.